



objetos com histórias
Partilha, Mozelos

objetos com histórias
Partilha, Mozelos



Coisas

Dar nome a estas coisas
porque a pupila assim as reconhece
e as transmite a neurónios repetidos
que as aprendem de cor:
é sempre, e mesmo assim,
um reduzido ofício

O mesmo com um rosto,
a sua tessitura em tom pungente ou suave,
a polpa estremecente e estremeçando

E tanto o coração

O que sobre depois,
resolvidas que estão as dimensões achadas,
é este não saber coisa nenhuma,
sentir que pouco valem
estas sílabas

Que mesmo assim se encostam
aos declives e entalhes mornos,
vivos de células e pequenos veios
onde advérbios se perdem
e vacilam

Ou à cor desses olhos,
que a pouco e pouco vou sabendo minha,
e não sei conjugar. Só declinar,
ao inclinar-me nela

Por isso, e mesmo assim, de nomes falo:
porque não sou capaz
de melhor forma.



indice



008 objetos com histórias**009 as histórias**

- 010 Da regueifa à broa: Maria só, mas não simplesmente
- 024 Isaura e a arte de fazer da memória Fundação
- 038 Miroma: o avesso poético na arte de trabalhar a cortiça
- 052 Luthiers Pereira: do silêncio da madeira, ao futuro
melódico de guitarras e violinos
- 066 Desenterrar lendas ao plantar futuro: o Monte do Coteiro
pelo olhar protetor de Manuel e José
- 080 O cantar de Joaquim como ato de resistência
da Tuna Musical Mozelense
- 094 Aprender a rodar com António e Fernando:
piões, piascas e rapas na história de uma oficina
- 108 Ancorar com gesso: o invisível nas figuras esculpidas
por Joaquim e Arminda

122 agradecimentos



objetos com histórias

Neste livro desenhamos – com palavras, fotografias e ilustrações – a freguesia de Mozelos em oito histórias contadas por vozes muito distintas. É uma homenagem presente ao património que são as pessoas, lugares e objetos aqui representados, rumo a um futuro de memória.

A atividade “Objetos com histórias” insere-se na Operação Individual Local 2940 – Os Abraços que a Feira Sabe Dar, que integra o plano TEAR – Tempo de Envolvimento e Ação em Rede, promovido pelo Município de Santa Maria da Feira, enquadrado no Plano de Ação das

Comunidades Desfavorecidas e financiado pelo Plano de Recuperação e Resiliência de Portugal.

Partilha, Mozelos é o resultado de uma atividade de cocriação, que valoriza o seu património na construção de lugares para as vozes das suas pessoas.





Da regueifa à broa: Maria só, mas não simplesmente

I. Crescente

Traz nas mãos uma malga branca, enquanto me pede, do fundo do corredor, que feche o portão ao entrar. Apresenta-me primeiro ao pré-fermento preparado no dia anterior. Começamos então, lentamente, pelo passado. Nasceu em Amarante, em janeiro de 1947, onde os avós já coziavam uma broa com o cheiro semelhante ao que me chega do pequeno forno a lenha. “A minha mãe começou a cozer aos sete anos de idade”, diz-me, enquanto abre a janela para fazer circular o ar. Seguiu os passos da família com as mãos: a broa faz-se só por amor, que é mais do que suficiente. Mas, antes de se pensar o pão, casa-se a farinha com a água. “Sou boa de sangue, portanto, as coisas levedam-se depressa”, afirma. E não mente. Talvez pelo prenúncio de um número, foi aos sete anos que abandonou a terra natal rumo a Mozelos, onde ainda hoje vive. Como o crescente que envolveu na massa que agora

coze, também Maria amadureceu depressa e soube crescer.

II. Amassar

Acorda pela madrugada como manda a sua vontade. A broa faz-se quando ela quiser. A regueifa doce, ainda que menos frequente, segue o mesmo princípio. Chegou à casa onde me recebeu já com 13 anos de trabalho nesta freguesia no corpo, sendo a irmã mais velha de cinco crianças e de outras duas que nunca o chegaram a ser, mas não é por isso que não se contemplam na matemática da família. Lavrou terreno com uma charrua puxada por dois bois, enquanto os pais olhavam por ela, até chegar o momento de olhar por eles. Escolheu rolhas durante 41 anos com a mesma dedicação com que viu e fez aumentar esta antiga casa da eira. “Aprendi a arte”, conta sobre os anos de fábrica. São muitas as artes que Maria domina sem dar conta. Da broa, diz com carinho que aprendeu da mãe, embora

a faça diferente. A farinha é outra, os tempos também. Foi sempre solteira por direito. Fintou destinos com a mesma força com que envolve a massa nos braços. Poder escolher é outra arte. Amassa e divide o conteúdo em futuras broas, benze-as com respeito e humor. O sol nasce e faz raiar aquela cozinha, agora abençoada.

III. Cozer

“Puxa uma cadeira e senta-te no chão, como diz o outro”, graceja e ri. São nove e meia da manhã e o pão já coze. Cada broa delicadamente colocada sobre uma folha de couve – ideia que não sabe de onde veio, mas que oferece outro paladar sem que o pão se queime. Foi recolhendo e aprimorando outros truques. Aprendeu a fazer regueifa doce com uma senhora de Mozelos. Embora seja Maria, tem por hábito não ir com as outras, por isso enriqueceu a receita com um toque seu, impulsionado por



manteiga e canela. Um de tantos outros segredos que certamente não me contou, e ainda bem. Há coisas que são do foro do fado, daquele que nem sempre se canta. Assim que a broa entra no forno, Maria proclama: “Senhor que te ponha o que te falta”, e espera. Hoje esperamos.

IV. Oferecer

Olha as horas com alguma pressa. Não me deixa ir embora de mãos a abanar. O cheiro das broas invade os cantos da casa. Maria retira-as do forno e coloca-as com cuidado na banca a arrefecer. Cada folha de couve deixa um desenho na base do pão. Uma outra arte do acaso de que se orgulha, mesmo quando me diz que não dá valor ao que faz. Agora

só falta a partilha. Uma broa fica com ela, para molhar no leite pela manhã e dividir com a irmã com quem vive. As outras têm sempre outro caminho delineado. A 13 de dezembro, na Festa de Santa Luzia, são oferta para a Junta de Freguesia de Mozelos e desfrutadas no arraial junto à igreja. “Não ando toda a vida atrás da mesma coisa”, afirma. Por isso, todas as outras broas, feitas sem calendário marcado ao longo do ano, vão com amor para quem calha: sobrinhos, sobrinhas e outras pessoas do seu passado e presente. Vai de carro com a mala cheia de pão – “enquanto vou, passeio” – distribuir afeto pelas barrigas, à medida que recorda com igual carinho as pessoas já plantadas no cemitério “para onde vamos

todos”, e aquelas que espera que um dia a recordem. Oferecer é tudo o que tem para continuar. Não quer nada em troca. “Maria, simplesmente Maria”, como gosta de ser conhecida, tem outras alcunhas: Maria de Prime, Maria da Costa, a Maria que faz broa e regueifa. Volto para o portão com uma broa quente nos braços. Prometo voltar depois de a provar.

Maria só, mas não tão simplesmente.













desenho realizado por:

Salvador Fonseca da Conceição

Escola Básica de Sobral | 3.º ano



desenho realizado por:

Lara Sofia Leite Costa

Escola Básica de Sobral | 3.º ano



desenho realizado por:

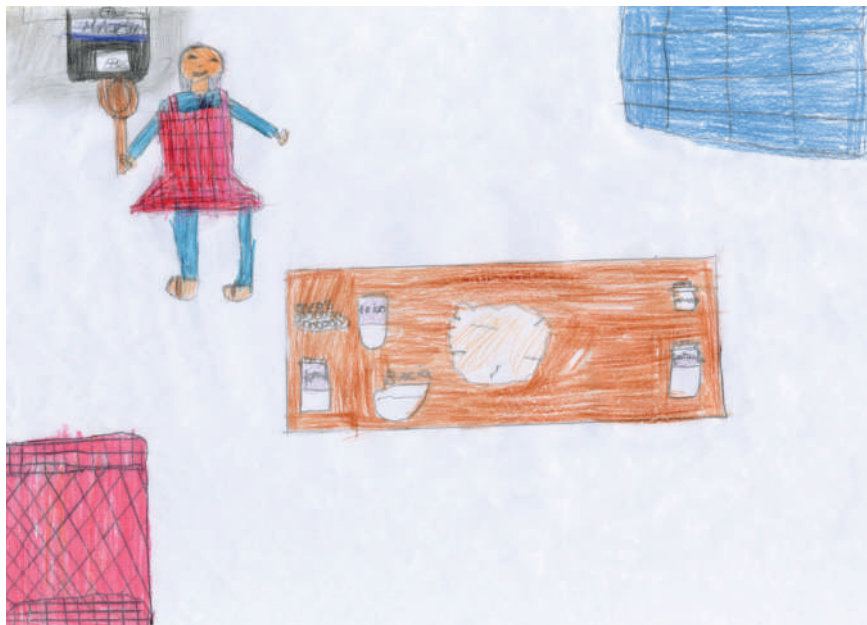
Francisca Nogueira Monteiro

Escola Básica de Sobral | 3.º ano



desenho realizado por:
**Miriam Alves Melo
Carvalho**

Escola Básica de Sobral
3.º ano



desenho realizado por:
**Filipe Coelho
Rodrigues**

Escola Básica de Sobral
3.º ano





Isaura e a arte de fazer da memória Fundação

No Princípio era o Verbo.

Assim começa um dos Evangelhos de um livro que não é indiferente à história que se avizinha. A grande diferença é que, aqui, o princípio não é tanto o verbo, mas uma coisa: um cordão. Um cordão que esta narradora nunca viu, nem o conheceu Isaura, a nossa protagonista. Apenas sabemos que existiu e que tem importância mais metafórica que monetária, para este princípio que se espera.

O cordão pertencia à avó de Isaurinha – cargo que, hoje, também ocupa – e impulsionou a vida de uma família inteira. Em Vila Nova de Gaia, junto ao rio, os seus avós paternos trabalhavam com cortiça. Tinham crianças, muitas, e o cansaço de andar de um lado para o outro. Um sócio que só queria lucro sem mãos no ofício, levou-os a abandonar aquela vida e a regressarem para perto das suas origens. Foi em Santa Maria de Lamas, Município

de Santa Maria da Feira, que o casal se viu desamparado. Queriam trabalhar, que uma casa não se alimenta sozinha, mas até para esse começo precisavam de algum dinheiro. A verdade é que aquela avó andava com o destino ao peito sem se ter apercebido. Numa casa de penhores, hipotecou o cordão: deu-se o princípio.

Lentamente, e com esforço, tudo se foi alinhando. Ainda apaixonados pela arte da cortiça, fundaram a Amorim Irmãos que hoje conhecemos como Grupo Amorim, já muito mais ramificado. Entretanto, as crianças foram crescendo, casando, e trazendo novas crianças ao mundo. Entre elas, Isaura, cujos pais, assim que casados, vieram para esta casa onde hoje conversamos, a convite de um tio-avô que ali vivia sozinho. José Francisco Alves, de Mozelos, cedeu parte deste edifício de 1822 para aquela que foi a primeira botica da freguesia. Viu, feliz,

o seu sobrinho de maior garra e paixão pela cortiça crescer com a família neste lugar. Também Isaura tem boas memórias da infância. Embora tenha perdido a mãe com treze anos e o pai com quinze, os quatro irmãos e três irmãs nunca deixaram que sentisse qualquer solidão. Talvez por ser a mais nova, aquela que ainda hoje, nos seus 86 anos, carrega o título de Isaurinha, Baua ou Bauinha.

O tempo foi passando e, à medida que o nome Amorim crescia no universo da cortiça em Portugal, também os oito netos e netas de um sonho que começou com um cordão, cresciam. Um a um, foram-se matrimoniando e abandonando a grande casa que tinha passado de José Francisco Alves para Américo Alves de Amorim, seu pai.

Solteira por escolha e sucessora por sina, ficou Albertina responsável por esta morada que nunca abandonou.



Albertina Ferreira de Amorim dá nome à fundação e foi também uma das proprietárias da Quinta de Meladas, ambas em Mozelos. Foi nessa quinta que esta família foi oficializando as suas paixões, dando espaço a que o legado crescesse. A irmã de Isaura fez-se benfeitora das pessoas da freguesia e ajudou sempre quem pôde, recebendo muita gente nesta casa, nomeadamente devotos à Igreja que muito respeitava. *No Princípio era o Verbo*. Neste princípio, esse verbo foi doar.



Como forma de homenagear as ações de Albertina, que partiu em 2007, Isaura e os familiares, um ano depois, decidiram transformar a moradia nesta fundação que ainda hoje vigora e onde fui recebida. “A tia Bauinha tem palavra de rei”, diziam os Amorins mais novos. Diria que sim. É ela quem faz das memórias deste lugar uma prosa poética, que perpetua nas paredes as recordações de todas as pessoas que por aqui passaram e que foram possibilitando uma vida pela

cortiça com orgulho: uns avós que empenharam um cordão; um tio-avô que abrigou o seu pai que trazia sempre mais alguém para jantar (porque “onde comem três comem doze”); uma irmã que herdou essa mão larga; e Isaura, que segura a história por amor e continuidade, que é o mais que podemos almejar. É a forma mais bonita que encontra de, com a família, dar seguimento às memórias e movimentos desta casa e do apelido que lhe dá nome.















desenho realizado por:

Martim Filipe Soares Ferreira

Escola Básica de Sobral | 3.º ano





desenho realizado por:
Bruna Rocha Andrade
Escola Básica de Sobral | 3.º ano



desenho realizado por:
Carolina Jesus Costa
 Escola Básica de Sobral | 3.º ano



desenho realizado por:
Mafalda Monteiro Santos
 Escola Básica de Sobral | 3.º ano

desenho realizado por:
Maria Mota Gomes
Escola Básica de Sobral | 3.º ano





Miroma: o avesso poético na arte de trabalhar a cortiça

Há 801 anos, em Greccio, Itália, São Francisco de Assis construía o que ficou conhecido como o primeiro presépio. Começou por reunir os animais, aos quais, a pouco e pouco, se foram juntando as pessoas. O importante nestas peças, ao contrário do que se possa pensar, não é tanto – ou não é só – o nascimento de Jesus, mas sim toda a história que se conta no enredo. Foi assim que Rui me deu a conhecer o presépio napolitano no seu pequeno estúdio, onde imagina aquela e tantas outras narrativas. “Não é importante se se acredita ou não”, disse-me sobre a fé. “Gosto da história, de contar a história”. E foi precisamente sobre ela que falámos, rodeados das minuciosas peças que este artesão compõe, em cortiça, com as mãos e o coração.

Rui nasceu em Angola, mas os acasos da vida levaram a que viesse habitar a terra de onde era originário o seu pai,

Mozelos. Aqui construiu um sentimento de pertença que nutre com carinho. Embora procure levar o seu trabalho às maiores feiras de artesanato do país, guarda sempre um lugar especial para as da sua freguesia. Na verdade, foi este o sítio que o impulsionou para a cortiça com que hoje produz a sua arte. Fruto do acaso da juventude, fez uma formação na Cincork onde lhe pediram que voltasse depois dos anos de tropa. “Acharam que tinha jeito”, conta modestamente. Desde então, é Rui quem ensina e permite que qualquer pessoa cultive na cortiça uma qualquer flor que desejar. “Tudo o que nos rodeia está sempre a ensinar-nos”, garante, e os olhos brilham. Refere-se Rui à sua casa, ao estúdio, às pessoas com que se vai cruzando e, até mesmo, às figuras que cria.

Tal como os presépios, aos quais se foram acrescentando personagens, também Rui preza uma construção por

camadas. “Para mim deve ser tudo passo a passo... acho que as coisas têm de ser feitas no momento certo”. Enquanto me fala, encanto-me com um presépio em torre, dezenas de santos e outros elementos minuciosamente trabalhados em cortiça que tem expostos, como navios e brasões. Diz-me que os artesãos devem ter um estilo, uma linha própria. A sua começa no nome: Miroma. Soa-me a miragem, à possibilidade de vermos para além. Para mim, é assim que Rui entende a cortiça, como um material que pode ser muito mais e, nas suas mãos, já o é. Por isso, Miroma tinha de sair de si. Com a criatividade que o caracteriza, inverteu um dos seus apelidos para criar o nome com que assina as suas obras. Às vezes, é no nosso avesso que encontramos as direções para seguir em frente. Conselho que este artesão segura entre os dedos.

“O que eu quero que fique, são os trabalhos”, afirma, talvez não se apercebendo de que, quanto mais o ouço falar, mais me falam também as peças que produz. Conta-me que na arte de trabalhar a cortiça vai “ultrapassando experiências”, e eu vejo-as. Vejo-as nas expressões que oferece às figuras, nos relevos pormenorizados que sublinha nos edifícios, na paleta cromática onde sabe honrar o que na cortiça é natural e na forma como ilumina algumas construções, para que também elas nos alumiem a noite. Porque a arte abraça e é conforto. A arte é saber colocar um braço sobre outro. Por esse motivo, Rui vai mostrando o seu artesanato por Portugal, nos lugares de renome que lutam para que este se preserve. Vai encontrando outros artesãos e artesãs com quem pontualmente faz parcerias, para que também a obra aprenda a abraçar.

Rui, ou Miroma, dedica-se à arte de trabalhar a cortiça nas pausas do emprego e de outras atividades que o ocupam. Vai construindo várias peças em simultâneo, todas elas levam tempo e isso não o assusta. Das mais pequenas às maiores, acabam sempre por ser únicas, mesmo que sigam o mesmo molde. “Essa é uma das belezas do material”, que Rui destaca com orgulho. Entre tudo o que gosta de produzir, são os presépios que nascem em maior quantidade e que lhe dão um prazer especial. Não é frade, nem vive em Greccio. Está em Mozelos, mais de oitocentos anos depois, a adicionar personagens, reconstruir cenários e (re)contar enredos para uma história que nunca terá fim. Pelo menos, assim o esperamos.

















desenho realizado por:

Emilia Tiutenko

Escola Básica de Fonte Seca | 3.º ano



desenho realizado por:
**Lourenço Rafael
Sá Dias**

Escola Básica de Fonte Seca
3.º ano



desenho realizado por:
**Geovanna
Almeida Barros**

Escola Básica de Fonte Seca
3.º ano



desenho realizado por:

Leonor Francisca Mendes Cardoso

Escola Básica de Fonte Seca | 3.º ano



desenho realizado por:
Erika Alexandra Pinto Teixeira
Escola Básica de Fonte Seca | 3.º ano





Luthiers Pereira: do silêncio da madeira, ao futuro melódico de guitarras e violinos

I. Do silêncio

José cresceu na carpintaria do pai — lugar onde esta história começa e se expande. Aprendeu com os olhos a habilidade de moldar a madeira às nossas vontades, de transformar um bloco numa qualquer forma desejada. Entretanto, nasceu Pedro, que não viu o avô partir sem a certeza de que a família tinha uma “ligação especial às madeiras”, diz José. Ainda que nem filho nem neto seguissem a carpintaria como profissão, nenhum dos dois abandonou o interesse por aquela oficina de possibilidades. Com melodias em ressonância nos ouvidos, Pedro foi ficando maior, sem nunca se cansar de ver o pai, analista de ocupação, debruçado sobre novas construções nos tempos livres. Já não tão rapaz, estudou música, sendo hoje guitarrista e professor do instrumento. A certa altura, questionou o silêncio das madeiras e decidiu desafiar José a quebrá-lo.

Era Dia do Pai e Pedro tinha preparado uma prenda com subtítulo: agora que se profissionalizava no universo das guitarras clássicas, precisava de uma nova de luthier. “Porque não construí-la?”, pensou. Desfez, assim, a serenidade da carpintaria para impulsionar eco nos seus materiais.

II. Ao eco

Assustado com os livros e alguns vídeos que explicavam “como fazer uma guitarra”, que Pedro lhe ofereceu, José repetia que o seu conhecimento de madeiras não era naquela vertente. No entanto, por insistência e força do amor que um pai tem a um filho, cedeu à tentativa. No fundo, acabaria por ser uma forma de passarem mais tempo juntos — os Pereira, pai e filho, com um avô no pensamento. Abraçando o desafio dentro de casa, partiram para um processo de tentativa e erro, de aliar o que liam ao que viam acontecer aos ma-

teriais que agora esculpiam. Primeiro, começaram pelo molde que vai ditar a forma do instrumento. Introduziram-se nesta aventura com a guitarra, mas, à medida que a curiosidade crescia e o negócio se instalou, aceitaram o desafio, que chegou pela voz de músicos profissionais e amigos, de construir violinos. De seguida, preocuparam-se com a edificação do esqueleto. Aqui, era necessário que a madeira estivesse húmida, para que se dobrar com a força do fogo. Trabalhados os elementos da natureza, chegou a vez do tampo e das costas. Assim se finalizou a caixa que fará circular o ar: futuro eco das notas musicais. Acabaram à mão os contornos cravados, os vernizes e as cordas. A beleza desta construção está nos pormenores, na possibilidade do ou da artista escolherem as minúcias, como os raios da madeira que compõem o instrumento que vê nascer e que será só seu.

Finalmente, chegou o dia. A 22 de abril de 2018, José e Pedro oficializaram a oficina Luthiers Pereira, de espaço físico e corpo composto, com os primeiros instrumentos que fizeram. Mascotes que não vendem. Mas, recuemos um pouco aos desafios da construção, o ponto final da obra, a conceção da parte sonora: a música.

III. À música

“Estamos sempre na expectativa, esperamos que seja uma agradável surpresa”, diz José, que vê o filho mergulhar no seu conhecimento musical para que o instrumento soe como desejam. É um trabalho muito preciso, mas nunca desanimam. São os construtores destas guitarras e violinos. Conhecem a espessura das suas madeiras e é através da nota que estas produzem que, sempre com esperança no acaso, vão aprimorando o som até à perfeição. Não se pode apressar a musicalidade das coisas, isso sabem-no

bem. Por isso se entregam a cada instrumento por cerca de meio ano, com muito carinho e dedicação. Têm em si a consciência das crianças que foram, debruçadas sobre uma madeira que ainda não soava e que não imaginavam que viesse a soar tão bem. Como uma música que nos invade a cabeça com gosto, a Luthiers Pereira estabeleceu-se no “passa a palavra” de instrumentistas nacionais que vão até Mozelos por amor, acompanhar o nascimento de um sonho. De um passado “com muita incerteza”, diz José, a um presente de “alguma certeza”, pai e filho abraçam as origens da música com futuro.

















desenho realizado por:

Sofia Cruz Moreira

Escola Básica de Vergada | 4.º ano



desenho realizado por:

Vitória Nascimento Sousa Conceição

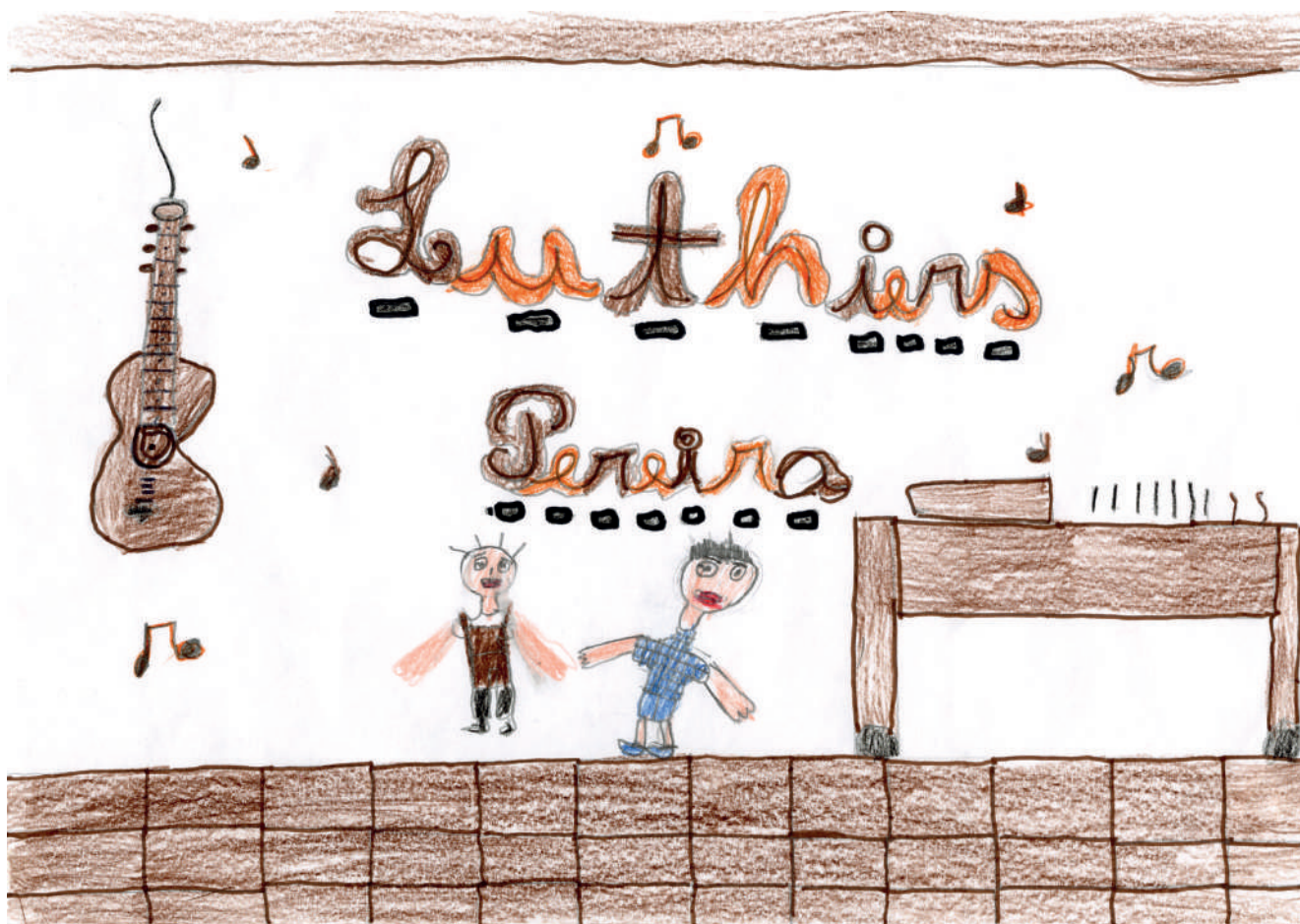
Escola Básica de Vergada | 4.º ano



desenho realizado por:

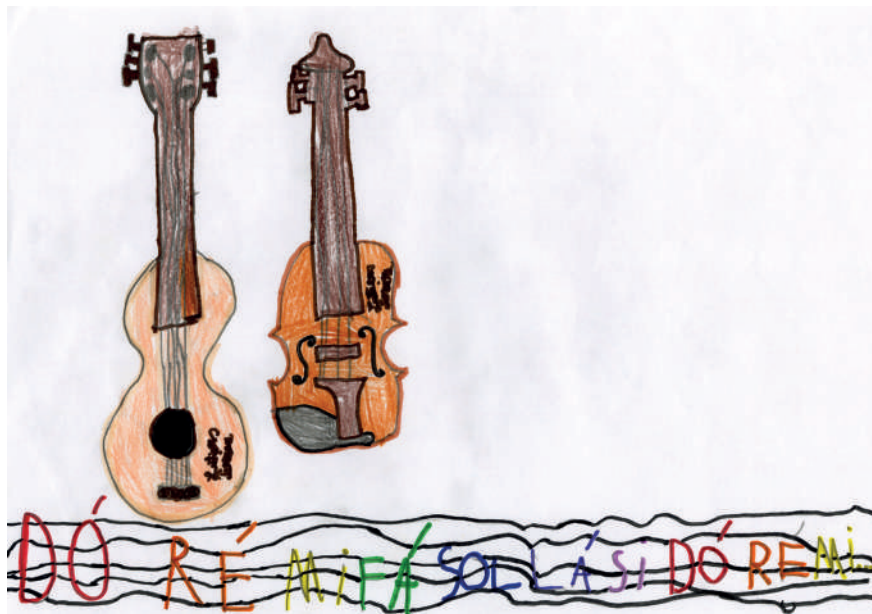
Luana Julião M. Branco

Escola Básica de Vergada | 3.º ano



desenho realizado por:
Eduardo Luís Freitas Santos

Escola Básica de Vergada
3.º ano



desenho realizado por:
Leonardo Lopes Silva

Escola Básica de Vergada
3.º ano





Desenterrar lendas ao plantar futuro: o Monte do Coteiro pelo olhar protetor de Manuel e José

Desenterrar é o ato de tirar de debaixo da terra, trazer à luz, descobrir. Desenterrar é o que esta história pretende: subimos até ao Monte do Coteiro, em Mozelos, para ouvir falar sobre tudo o que carrega e que é invisível aos olhos mais distraídos. Manuel Maia e José Coimbra são amigos de longa data e as principais vozes desta narrativa. A eles nada lhes escapa, «para nossa sorte, da freguesia e do concelho», como diz Manuel. Conseguiram adquirir o terreno que transformaram neste parque público – que é também lugar para sedes de associações – onde caminhamos sobre segredos e lendas, cultivando curiosidade com o andar.

Foi em 1997 que Manuel e José convenceram o antigo proprietário, António Presa, um industrial de serração de Nogueira da Regedora, a vender-lhes este terreno em Mozelos onde queriam construir

prédios ou outras habitações lucrativas. José tinha andado pelas casas a cantar fados às pessoas da freguesia. Ele e o amigo candidatavam-se à junta e sonhavam com a preservação deste lugar que tinha, na altura, cinquenta e cinco mil metros quadrados mas, dois anos depois, acrescentaram-lhe outros vinte mil.

«Era conhecido na vizinhança por Talegre», diz Manuel. «Existe uma disputa em relação ao nome», conta José, que acredita que Monte do Coteiro vem de “Coteiro do Murado, ou seja, o ponto alto do Murado”. Ele e Manuel são apaixonados por este parque que me vão desvendando aos poucos e de onde se vê “o Monte da Virgem, a Nossa Senhora dos Carvalhos, a Serra da Freita, em Arouca, com o sol aberto, o farol de Aveiro, quando está aceso de noite, todas as praias à volta de Espinho”, numa panorâmica única de baixa altitude.

Mas isso é só o que a vista alcança, porque toda a beleza do Monte do Coteiro precisa de um pouco de feitiçaria para se desvendar.

Começamos então a desenterrar. Primeiro, pelas pessoas. Era neste lugar que, há muitos anos, os jornaleiros – homens e mulheres que trabalhavam de sol a sol – faziam o desenterro das merendas, isto é, comiam alguma coisa antes que o dia ameaçasse terminar. Talvez pela carga poética do nome, o mesmo se faz na segunda segunda-feira depois da Páscoa (Pascoela). Hoje, desenterram-se merendas mais fartas e as famílias reúnem-se felizes nestas mesas de pedra.

Seguimos para o desenterro das lendas. «Encontraram aqui, há cento e cinquenta anos, uma cobra de duas cabeças sabia?», conta Manuel. “Há a cobra das sete cabeças, mas em Mozelos eram



só duas», acrescenta José de sorriso matreiro. Entretanto, Manuel passa-me uma folha por si assinada e revela: “a minha avó dizia que a sua avó já lhe contava esta história”. Recuso-me a ler a lenda e ouço-a tal qual este tetraneto a sabe contar. “Falavam que havia aqui um palácio, com uma princesa árabe, a Aziza, que se apaixonou por um soldado romano, que penso que se chamava Taio. À rebeldia da família, decidiram construir outro palácio aqui subterrâneo. Há quem diga que nas noites de luar, se viu a princesa e o seu amado guerreiro romano de mãos dadas neste Monte. É linda a história”. Eu concordo.

O dia ainda ia longo e de céu aberto. Sem esperança de me cruzar com a princesa e o seu amado, quis saber que outras lendas guarda a terra que pisava. Manuel conta que existiam aqui duas pipas, uma continha ouro e outra a peste, mas nunca ninguém as abriu com medo de soltar uma pandemia pela freguesia. “Este tipo de situações são criadas no sentido de gerar moral, explorar o medo”, acrescenta

José, mas confessa que ele e o amigo ainda abriram um buraco para ver se encontravam alguma coisa. Sem sucesso, construíram uma mesa de arquitetura única que acolhe até sessenta pessoas, para que famílias possam vir fazer um churrasco por cima do suposto palácio e das tais pipas e, quem sabe, sentir um pouco de magia.

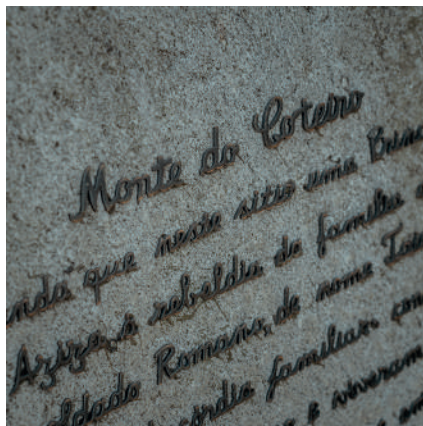
Ainda sobre desenterrar, para José “a maior riqueza que aqui temos é a água que chega até às casas centenárias da freguesia”. Manuel acrescenta o quanto se orgulham daquilo que fizeram com estas descobertas de debaixo da terra: construções de coberturas com mesas no interior para dias de chuva e “com a intenção da história daquele amor”, colocaram ali um banquinho “ao lado de um muro com quatrocentos anos e de uma coluna romana”, para, caso Aziza e Taio voltem, se possam sentar a namorar como se que se estivessem em casa.

Caminho mais uma vez pelo Monte do Coteiro, agora com atenção a tudo o que Manuel

e José desenterraram, trouxeram à luz. Noto a japoneira, primeira árvore de ornamento que plantaram, trazida de uma das casas antigas de Mozelos, pertencente a Carlos Martins. Desta casa, trouxeram também o seu portão e as suas colunas, das quais fizeram um caminho com vista para a Igreja. Caminho com gosto sobre tanta história. Nos meus pés tocam as raízes de uma paixão, de fortuna ou medo e, essencialmente, da beleza de preservar um pouco do desconhecido em tudo o que se constrói com carinho. Não sei o que nos espera o futuro, mas já adivinho uma lenda: daqui por muitos anos, crianças hão de pisar esta mesma terra à procura de Manuel e José, guardiões do Monte do Coteiro.

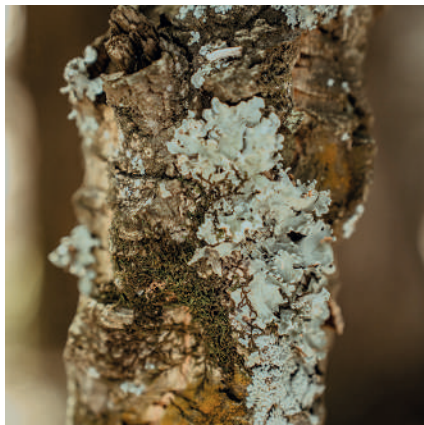








Monte do Coteiro
Conta a lenda que neste sítio vivia Branca Moura,
de nome Arziza, a velhota da família apascentada
por um soldado Romano, de nome Teio.
Mas dada a discórdia familiar, construíram aqui
um palácio subterrâneo e viveram felizes para
sempre. Diz ainda a lenda que em noites de
profundo luar, dovei quera visse a Princesa e seu
amado guerreiro, caminhando de mãos dadas entre
árvores.





desenho realizado por:

Tiago Rafael S. Ferreira

Escola Básica de Prime | 3.º ano



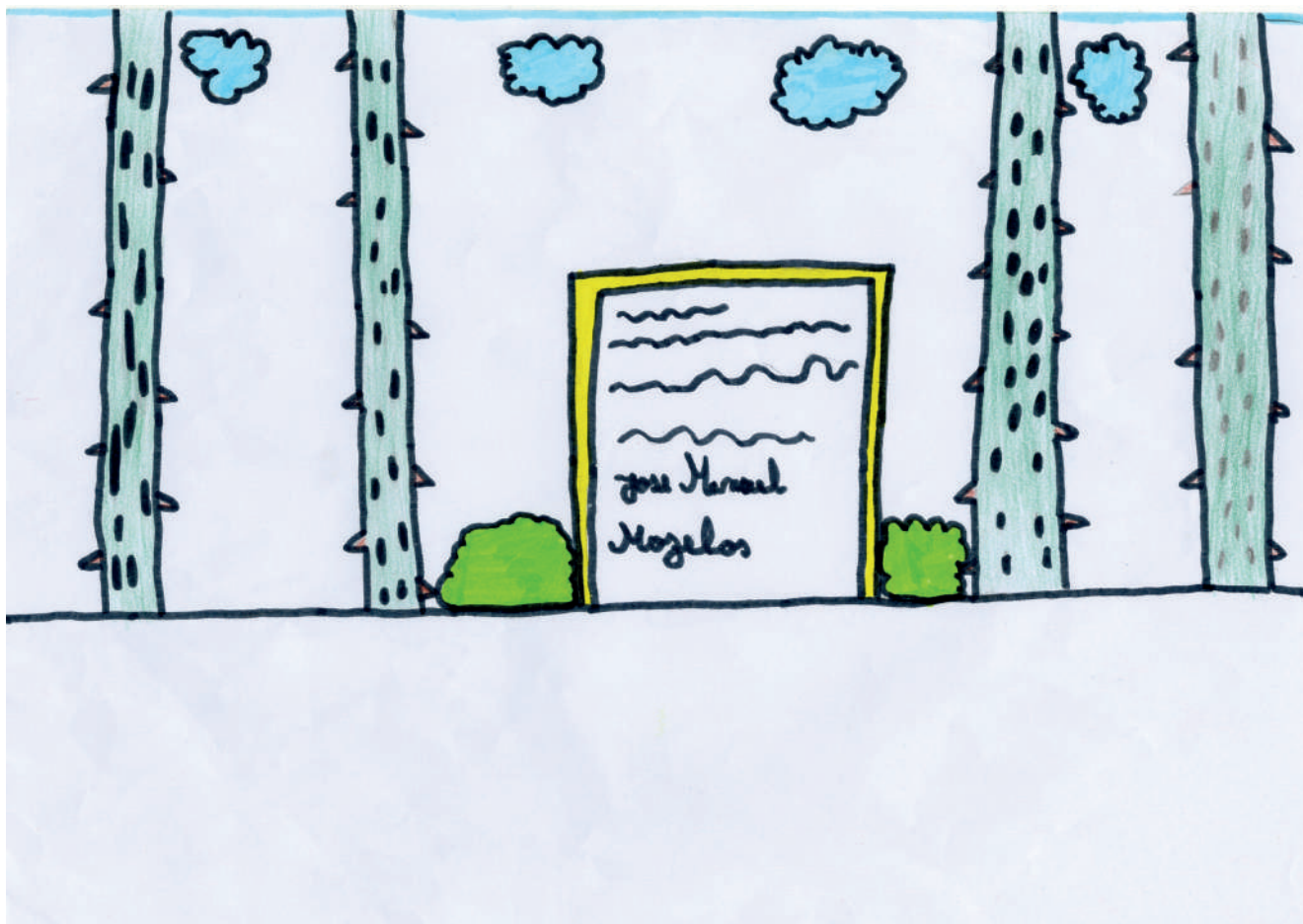
desenho realizado por:
Mathilde Ferreira Gomes
Escola Básica de Prime | 3.º ano



desenho realizado por:

Tomás Miguel P. Costa

Escola Básica de Prime | 3.º ano



desenho realizado por:
Rodrigo Rocha Bastos
Escola Básica de Prime | 3.º ano



desenho realizado por:
Tomás Filipe R. Ferreira
Escola Básica de Prime | 3.º ano





O cantar de Joaquim como ato de resistência da Tuna Musical Mozelense

Verdes são os campos,
De cor de limão:
Assim são os olhos
Do meu coração.

Ouvi, mas não era a voz de Zeca Afonso que soava. Os versos de Luís de Camões faziam eco na Tuna Musical Mozelense, cantados *a capella* por Joaquim Mendes Pinto. Foi esta a primeira melodia que lhe veio à memória, quando pedi que me enumerasse algumas músicas de um repertório de tantos anos. «Tudo me marcou», disse. Depois, começou a cantar os campos que são verdes.

Joaquim é prata da casa desta associação há cinquenta anos. «Conheci esta geração toda», diz, enquanto aponta para uma fotografia de um grupo de rapazes na sede antiga. «Disseram-me que o meu avô chegou a pertencer à tuna», continua, «só que eu ainda não era nascido na altura. A minha mãe contou-me que quando a minha avó

morreu, ele partiu para o Brasil e não voltou, abandonando os quatro filhos ainda crianças ao cuidado dos bisavôs». Talvez tenha também deixado um bichinho para a música, mas como Joaquim não lhe louva a atitude, quer crer que a sua curiosidade nasceu sozinha.

Desde criança que ia assistir aos ensaios da tuna aos domingos de manhã na antiga sede. «Era ainda maestro o professor Vieira, mais tarde o José Pereira – de alcunha ‘José Fininho’». Depois, vim para aqui pelos dezassete anos. Aprendi o solfejo – umas quatro páginas –, andei aqui a cantar, a fazer parte do coro. Acompanhei a tuna de um lado para o outro, que antigamente havia sempre uma disputa entre as tunas da região. Alugávamos vários autocarros, cada um levava a sua merenda, e depois íamos para outra freguesia. Sentávamo-nos numas sombras, debaixo de umas ramadas, e passávamos lá os nossos

tempos. Divertimo-nos!», conta Joaquim. Das aulas de solfejo recorda ainda o nome do autor do livro: «era o Freitas Gazul, que chamávamos de Freitas Gasóleo»; o carinho dos músicos que se disponibilizavam para os ensinar e o professor que o motivou. Algum tempo depois, lembra as suas lições aos mais novos. «Passávamos aqui os domingos de manhã», relata a sorrir. Tudo o que me fala, soa-me a cantar, e dá continuidade à música de Zeca:

Campo, que te estendes
Com verdura bela;
Ovelhas, que nela
Vosso pasto tendes,
De ervas vos mantendes
Que traz o Verão,
E eu das lembranças
Do meu coração.

Neste deambular de memória, Joaquim vai divulgando pedaços da história deste lugar. A Tuna Musical Mozelense foi fundada em 1890, ainda com o nome Troupe Moselense.

Teve uma primeira sede, a que Joaquim nunca foi, e uma segunda, que conheceu muito bem. Depois, acompanhou a construção desta casa onde estamos e onde a música e a arte prevalecem. Atualmente, tem escola de música e danças, coro geral, coro gregoriano, *class band* (onde se pode aprender gratuitamente qualquer instrumento em qualquer idade) e a tuna propriamente dita. Agrega cerca de 130 pessoas nas atividades, de crianças a uma participante com 94 anos. Foi, a todo o momento, uma tuna mista, ainda que os tempos nem sempre permitissem às mulheres horas vagas para cantar e tocar. Já teve um grupo de teatro de revista, que Joaquim recorda com saudade, mas reconforta-se por integrar muitas das atividades que hoje prevalecem, fazendo também parte da direção. “O meu papel é, sobretudo, conviver com as pessoas que cá vêm”, diz-me e, imediatamente, conta os instrumentos que toca e o quanto canta.

«O nosso objetivo é ensaiarmos sempre coisas novas, criarmos novos programas e estarmos preparados para

convites”, conta. Vê nesta casa – que se move em voz – a possibilidade de uma resistência que leva muito a sério. Nunca deixou de cá andar, a não ser quando foi chamado para o serviço militar e, desde então, voltou sem interrupções. “Enquanto a saúde me deixar andar, andarei aqui com todo o gosto”, assegura. Por isso, a sua voz canta sempre que fala. A música continua, sem que tenha fim:

Gados que pasceis
Com contentamento,
Vosso mantimento
Não no entenderéis,
Isso que comeis
Não são ervas, não:
São graças dos olhos
Do meu coração.







Tuna Musical Mozelense

Homenagem ao Sócio Benemérito

Silvestre Oliveira Santos

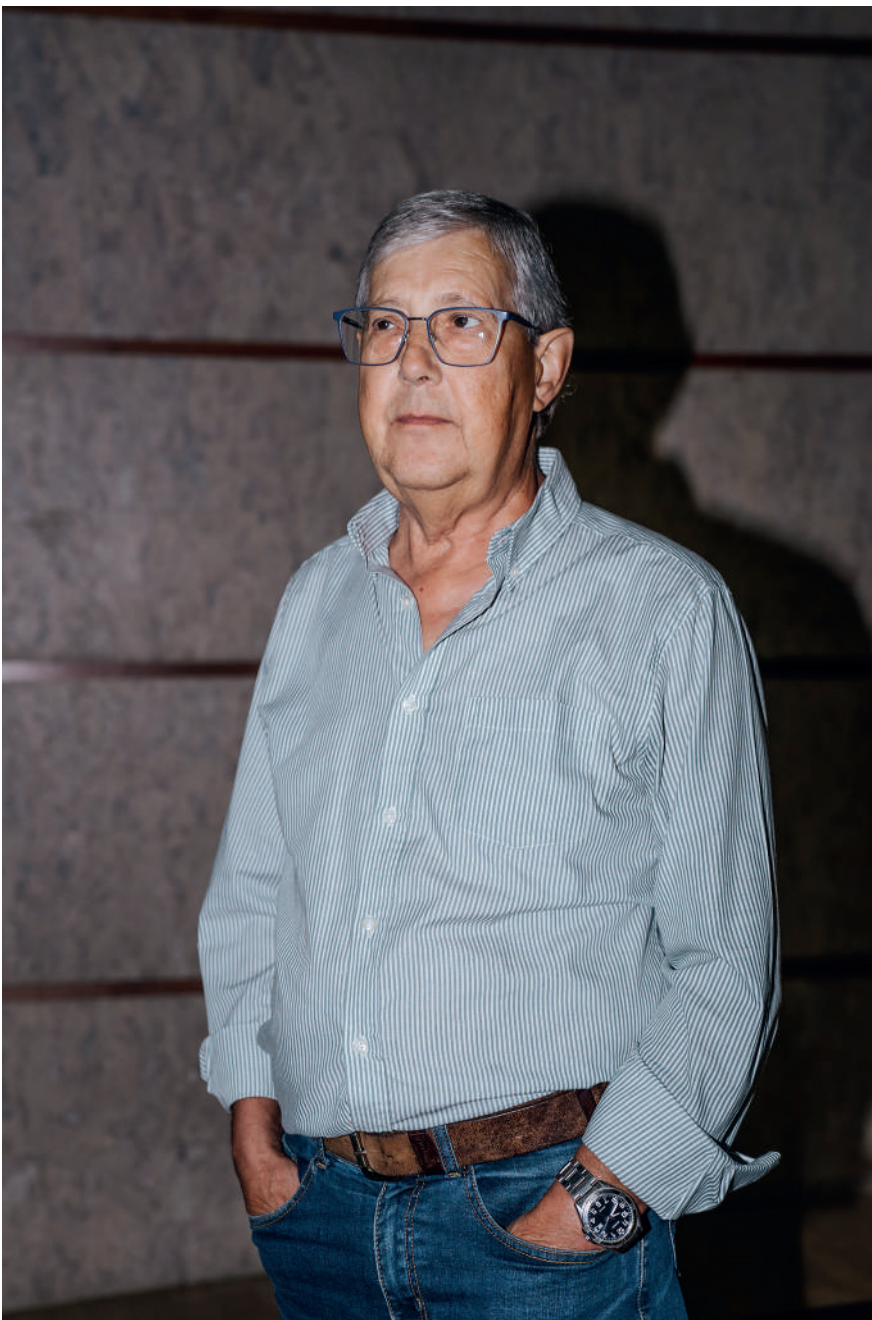
26 de Junho de 2021

"A gratidão é a memória do coração"







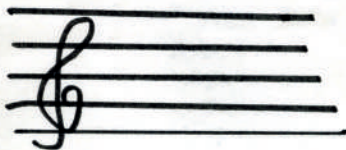




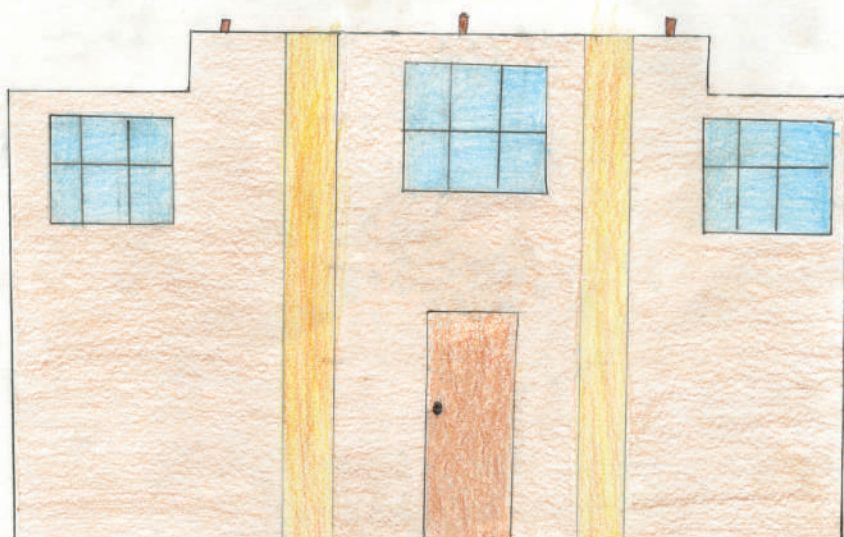




Senhor joaquim



Tuna Musical
Mozelense
125 Anos



desenho realizado por:

Maria Rebelo Gomes Silva

Escola Básica de Sérgio Ribeiro | 3.º ano



desenho realizado por:

Clara Tavares Magalhães

Escola Básica de Sérgio Ribeiro | 3.º ano

Tuna de Mozeles



Tradições

cultura

Instrumentos
músicais

desenho realizado por:

Vitória Silva Oliveira

Escola Básica de Sérgio Ribeiro

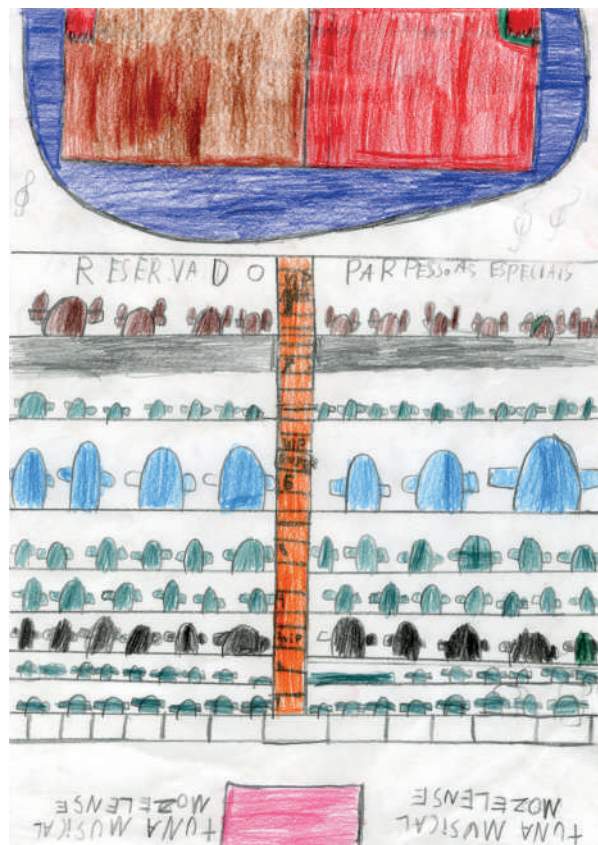
3.º ano



desenho realizado por:

Emily Fontoura Soares

Escola Básica de Sérgio Ribeiro | 3.º ano



desenho realizado por:

Bernardo Gomes A. Guerreiro

Escola Básica de Sérgio Ribeiro | 3.º ano



Aprender a rodar com António e Fernando: piões, piascas e rapas na história de uma oficina

Em Mozelos há uma pequena cave que esconde anos de história. É uma cave que guarda as gargalhadas de crianças que hoje são pais, mães ou avós. Ali construíram-se centenas de milhares de piões de lança, piascas e rapas que, com um bocadinho de sorte, ainda se produzem. António e Fernando não me deixaram partir de mãos a abanar. São eles, dois dos cinco rapazes, a quem se somam três irmãs, todos nascidos e criados com as raízes deste lugar. Foi nesta cave onde também eu aprendi a fazer rodar um pequeno pião: mais uma gargalhada guardada para o futuro.

Oficina Maria Amélia Coelho Pinto é o nome desta cápsula do tempo. Nas paredes encontro penduradas ferramentas com 78 anos de uso. Ao som de António e Fernando a produzirem piões, reparo na mecânica da produção. “A tecnologia é a mesma da revolução industrial”, explica Fernando, “só um motor para

alimentar, mete-se a correia e isto trabalha”. Encontro vários materiais ali produzidos e também uma fotografia antiga de família. Naquela imagem sobressai o rosto da mãe, Maria Amélia, que dá nome à oficina, embora nunca lá tenha trabalhado. É então que os dois irmãos me começam a contar como tudo começou, mesmo antes de eles existirem. “O meu pai é original de Olivais, onde já fazia cabos para piaças com o seu pai, o nosso avô”, diz António. “Apaixonado pela comerciante Maria Amélia, mudou-se para Mozelos e trouxe consigo a vontade de continuar a oficina. Instalou-se na cave da sua nova casa, que já era dos pais da minha falecida mãe”, continua António. Oficina que até hoje perdura, mesmo que apenas por “brincadeira”, como dizem com gosto os irmãos Pinto Silva.

Na melodia daquela maquinaria, produziam-se ali, além dos variados piões, vassouras e

cabos de pincéis. Faziam-se também canteiros para pequenos pipos de aguardente e outros produtos para pedidos que iam surgindo. “Quando começou aqui, o meu pai tinha dois empregados: o Fitas e o Moleiros. Depois, os filhos começaram a trabalhar, uns mais do que outros”, conta Fernando. Enquanto os homens passavam o dia em brincadeiras e tarefas nesta oficina, que sofreu algumas obras – já que antigamente era em terra batida –, as irmãs tinham outros ofícios. A mãe ia, de carreta à cabeça, vender meias e outros produtos em Espinho e nos Carvalhos. “A nossa primeira carrinha é de 71”, diz Fernando, para explicar que antes desse tempo a mãe andava muito a pé e de camioneta de um lado para o outro, tal como eles na distribuição dos piões e outros materiais. “À sexta-feira íamos levar os piões ao Porto, à Rua das Flores, onde eram as retrosarias», recorda Fernando. Ele e o irmão mostram-me

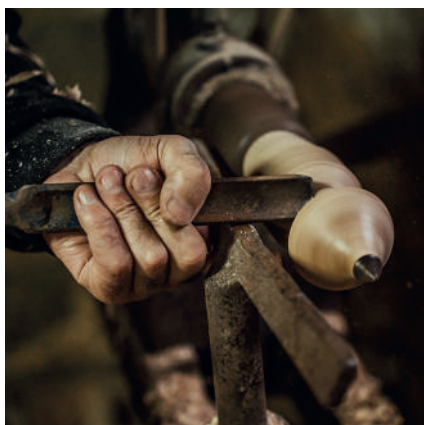


como contavam os piões: três em cada mão, quando vendiam à unidade, e, para as lojas, contavam-nos à grosa, “uma grosa são doze dúzias”. Vendiam milhares de piões por semana, esse objeto que impulsionou as gargalhadas que aqui se imaginam. Nas suas vozes voamos até à infância, não só à deles, mas também àquelas que esta oficina impulsionou. Ensinam-me jogos como o racha e o andar à roda, mas falam com especial entusiasmo do rapa. “No Natal eram as rapas que se vendiam mais”, diz António. Eram os filhos do dono da oficina quem marcava o “R” de rapa, o “D” de deixa, o “T” de tira e o “P” de põe. “Já sabíamos fazer máfia, porque

se se lixasse mais de um lado, o pião caía melhor para aí”, confessa Fernando. Jogavam a pinhões ou a nozes depois da ceia e chamavam de «tremelão» àquele cujo pião tremia. A oficina fazia também piascas pintadas com as cores de Portugal que se vendiam bem o ano todo. “Eram o equivalente a ter um *iPhone* na altura”, explica Fernando, e ambos riem. As histórias são imensas e nelas também eles vão crescendo. Contam-me que o irmão mais novo fazia piascas pequeninas para ter cervejas grátis em Coimbra, onde estudou. Esse e outros truques foram passando uns aos outros numa fraternidade que se sente na troca de olhares e nas palavras partilhadas.

Em Mozelos há uma pequena cave que esconde anos de história. Aqui as madeiras sempre tiveram uma segunda vida: eucalipto para os piões, cujas lanças compravam a uma fábrica têxtil em Rio Ave; pinheiro para os cabos de pincéis; choupo para as rapas; sobreiro para os maços de madeira. António, Fernando e os seus irmãos e irmãs são também um fruto desta oficina. Sempre que aqui regressam para fazer um pião, por mais pequenino que este seja, ressuscitam a memória do pai com quem aprenderam a técnica e cujos cozinhados deixam saudade. Sempre que lançam um pião ao chão, ressuscitam a memória da mãe com quem aprenderam a arte do negócio e orgulham-se da pessoa que, sem saber ler nem escrever, foi uma das primeiras mulheres a votar no país, por ser comerciante. Em Mozelos há uma pequena cave que esconde anos de história. Abandono-a com a certeza de que ali os piões rodam para sempre.















desenho realizado por:

Joana Lucena M. Calçada

Escola Básica de Aldeia Nova | 3.º ano



desenho realizado por:

Sofia Silva Oliveira

Escola Básica de Aldeia Nova | 3.º ano

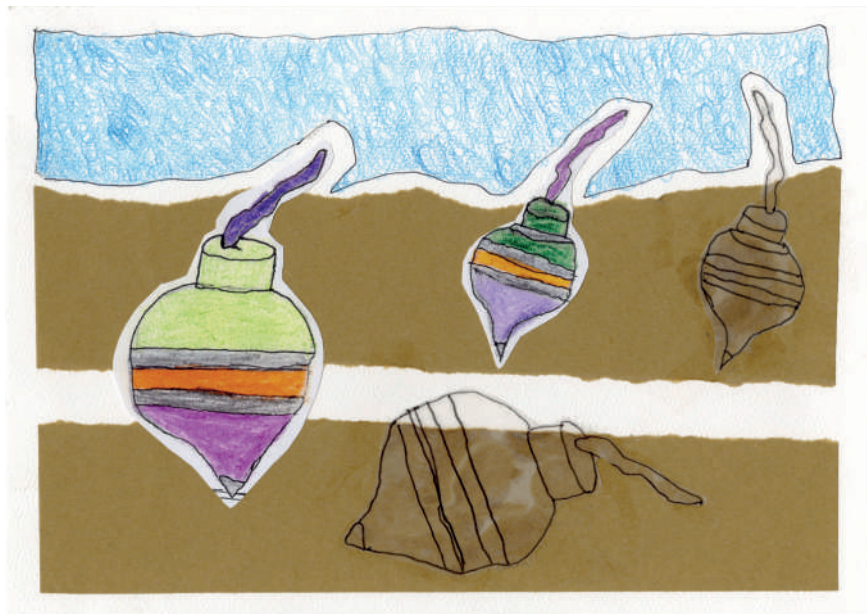




desenho realizado por:
Luana Oliveira Baptista
Escola Básica de Aldeia Nova
3.º ano

desenho realizado por:
**Diogo Mendes
Rodrigues**

Escola Básica de Aldeia Nova
3.º ano



desenho realizado por:
Léo Leal Machado

Escola Básica de Aldeia Nova
3.º ano





Ancorar com gesso: o invisível nas figuras esculpidas por Joaquim e Arminda

Espero por Joaquim à porta da sua loja, em Mozelos, onde se lê: Joaquim Cardoso – fabricante de imagens religiosas. A montra está repleta de imagens, quase todas de teor religioso, com uma ou outra que difere do tema. Chamam-me à atenção as santas Filomenas, de vestimenta cor-de-rosa e coroa de flores na cabeça. O que mais gosto nelas é a âncora, cujo significado desconhecia, mas Joaquim explica que simboliza proteção. Deixo-me ficar por esta definição e vejo o sol incidir sobre as santas com gosto. Chega Joaquim com a sua mulher, Arminda, e entramos na loja.

Todas as peças estão dispostas com carinho naquele lugar. Caminho com cuidado, com medo de derrubar alguma das belas imagens que me rodeiam e observo tudo: dos santos aos bustos, até às placas de um clube de futebol ou de uma associação

local. É então que Joaquim me começa a contar como tudo começou, há bastante tempo. “Trabalhei para o meu pai desde os 14 anos. Andava com ele para todo o lado”, diz-me, enquanto abre a porta para um pequeno armazém na parte de trás da loja. Avelino António Cardoso, o seu pai, reproduzia as peças de escultores pela zona do Porto, Santa Maria da Feira e não só. Era, no fundo, uma ferramenta humana destes artistas que esculpiam peças em materiais como o barro, que Avelino reproduzia em gesso para que estas pudessem, depois, ser recriadas em bronze. Joaquim aprendeu desde cedo esta arte minuciosa e nunca fez, nem quis fazer, outra coisa. Herdou do pai o gosto pelo poder da reprodução, de dar vida e plasticidade aos sonhos de outras pessoas.

Joaquim e Arminda casaram-se há 51 anos. Arminda trabalha na área, com o marido,

desde então. “Eu era habilidosa. Comecei logo a colaborar com o meu sogro”, conta-me. Inicialmente faziam apenas peças em gesso, sem estarem pintadas, mas os pedidos foram mudando e, por isso, o procedimento também se adaptou. Aos escultores com que Avelino trabalhava juntaram-se as casas de imagens religiosas, primeiro no Porto, depois por todo o país. “Cada casa tinha o seu modelo e não se podia vender esse modelo a mais ninguém”, explica Joaquim. Faziam, e ainda fazem, peças que chegam a ter dois ou mais metros de altura, com temáticas muito diferentes. Ainda assim, desde o tempo em que Avelino era vivo, o teor religioso é o mais procurado. Quando começaram a chegar pedidos de casas funerárias, os santeiros introduziram a pintura às peças em gesso. Com o falecimento de Avelino, Joaquim e Arminda quiseram preservar o seu trabalho e decidiram investir

na produção. Abriam a loja há cerca de trinta anos e, embora mantenham a técnica tal qual a aprenderam, produzem obras com mais acabamentos e aceitam qualquer desafio. “Fizemos o emblema dos Bombeiros Voluntários de Santa Maria da Feira”, conta Arminda, que confessa que, no que diz respeito a santos, aquele que mais gosta de criar são as Nossas Senhoras de Fátima.

Sáimos da loja para ir conhecer a oficina onde desenvolvem as peças. Os lugares estão tão perto um do outro, que Joaquim e Arminda quase conseguem estar presentes nos dois em simultâneo.

Fico imediatamente impressionada ao entrar: o pé-direito é alto e o espaço está repleto de moldes em gesso, que são como grandes conchas que formam as esculturas, como pérolas. Arminda desenrola papéis enormes que contêm os desenhos onde se baseiam para fazer as maquetes. Depois mostra-me blocos de gesso abertos, onde consigo perfeitamente ver os contornos da figura ali produzida. Ao mesmo tempo, Joaquim debruça-se sobre uma santa toda pintada de preto, à qual vai adicionar dourado. Partilha os métodos que utiliza para dar mais contraste às obras, mas escolho não os divulgar. Como esta, algumas daquelas

esculturas em gesso vão ser pintadas, e outras vão, tal e qual estão, ser as maquetes de trabalhos em bronze. De qualquer das formas, todas elas seguem o seu caminho, marcadas pela dedicação de Joaquim e Arminda, que assinam os trabalhos com “Costa Júnior Cardoso”.

Há nestes dois fabricantes o dom de honrar não só quem desenhou as peças que produzem, como quem os ensinou a recriá-las. É como se cada escultura que passa pelas suas mãos tivesse uma âncora escondida, não só de proteção, mas também de amor.

















SRA. DE FÁTIMA

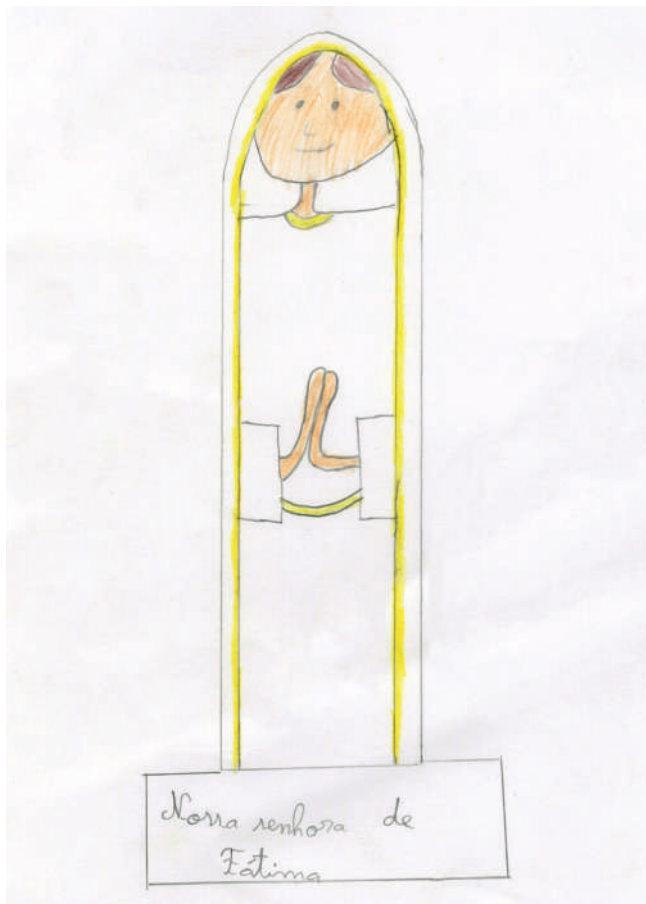


Tiago 11/02

desenho realizado por:

Tiago da Silva Costa

Escola Básica de Casalmeão | 3.º ano



desenho realizado por:
Leonardo Oliveira Santos
 Escola Básica de Casalmeão | 3.º ano



desenho realizado por:
Catarina Martins Moreira
 Escola Básica de Casalmeão | 3.º ano

desenho realizado por:

Inês Francisca A. Pinto

Escola Básica de Casalmeão | 3.º ano



desenho realizado por:

Isa Silva Cardoso

Escola Básica de Casalmelo | 3.º ano





agradecimentos

Este livro deve-se, essencialmente, às pessoas que carinhosamente nos deram a conhecer o avesso mais poético da freguesia de Mozelos. À Maria da Costa, à Isaura Ferreira de Amorim, ao Rui Rodrigues, ao José Pereira

e ao Pedro Pereira, ao José Coimbra e ao Manuel Maia, ao Joaquim Pinto, ao António Pinto Silva e ao Fernando Pinto Silva, ao Joaquim Alves Cardoso e à Maria Arminda Pinto Cardoso – obrigada pela herança viva que partilharam.

Um agradecimento às professoras titulares das turmas do 3.º e 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Agrupamento de Escolas António Alves Amorim, e aos alunos que ilustraram cada uma das histórias.

Sara Duarte Brandão (autora)

ficha técnica

Título

Objetos com histórias
Partilha, Mozelos

Autora

Sara Duarte Brandão

Participantes

António Pinto Silva
Fernando Pinto Silva
Isaura Ferreira de Amorim
Joaquim Alves Cardoso
Joaquim Mendes Pinto
José Carlos da Silva Pereira
José Henrique Dias Coimbra
Manuel Bernardino da Silva Maia
Maria Arminda Pinto Cardoso
Maria Costa Pinto de Sousa
Pedro Miguel de Sousa Pereira
Rui Jorge Ferreira Amorim Rodrigues

Ilustração

Alunos do 3.º e 4.º ano do Agrupamento
de Escolas António Alves Amorim

[Alunos do 3.º ano da Escola Básica
de Sobral, Mozelos]

Professora

Paula Santos

Alunos

Alexandra Sofia Soares Maio
Bernardo Alves Cruz
Clara Maria Alves de Sousa Parracho
Cloé Simões de Oliveira
Duarte Gonçalves Alves
Ema Alves Espírito Santo

Eva Maria Leitão Alves da Silva
Filipe Coelho Rodrigues
Francisca Nogueira Monteiro
Gustavo Miguel Rodrigues Teixeira
Íris Ferreira Barbosa
Lara Isabel da Silva Costa
Lara Sofia Leite Costa
Letícia Alves Ferreira
Luana Sofia F. Pinto
Lucas José Soares Vieira
Maria Inês dos Santos Silva
Maria Leonor Martins Soares
Maria Miguel da Costa Pinto Alves Rocha
Miriam Alves Melo Carvalho
Miriam Pereira Batista
Salvador Fonseca da Conceição
Tomás Gomes da Silva
Tomás Pinho Norinho de Carvalho

[Alunos do 3.º ano da Escola Básica
de Sobral, Mozelos]

Professora

Fátima Coimbra

Alunos

Afonso Pereira da Silva
Afonso Sousa Machado
Alan Miguel de Oliveira Gonzalez
Alexandre Ananiev Yaroshenko
Ana Luísa Leite dos Santos
Bruna Rocha Andrade
Camila de Abreu Pereira
Carolina Jesus Costa
Débora da Silva Pinho
Diana Filipa Lopes Silva
Enzo Martim Marques da Silva
Gonçalo Miguel da Silva Oliveira

Gustavo André Bastos Pinho Ressurreição
 Joana Vivas Fernandes
 Mafalda Monteiro Santos
 Maria Mota Gomes
 Martim Filipe Soares Ferreira
 Vicente Gonçalves Cruz

[Alunos do 3.º ano da Escola Básica
 de Prime, Mozelos]

Professora

Paula Silva

Alunos

Francisco Baptista Gomes
 Gustavo Marques Neves
 José Silva Oliveira
 Mara Liane F. Santos
 Maria Clara F. Rangel
 Maria Leonor Silva
 Martim Fontes Oliveira
 Mathilde Ferreira Gomes
 Pedro Artur C. Rocha
 Rodrigo Rocha Bastos
 Tiago Rafael S. Ferreira
 Tomás Filipe R. Ferreira
 Tomás Miguel P. Costa
 Yara Manuela P. Ribeiro

[Alunos do 3.º e 4.º ano da Escola Básica
 de Vergada, Mozelos]

Professora

Carla Alves

Alunos

Eduardo Luís Freitas Santos
 Leonardo Sousa Rabaça
 Leonardo Lopes Silva
 Luana Julião M. Branco

Rodrigo Ferreira Silva
 Santiago Silva Gomes
 Bruno Manuel Sousa Alves
 José Mateus Santos Alves
 Miguel Almeida Baptista
 Núria de Sá Santos
 Salvador Nogueira Seabra
 Sofia Cruz Moreira
 Vitória Nascimento Sousa Conceição
 Gabriela Noemi Baltazar Neto

[Alunos do 3.º ano da Escola Básica
 de Fonte Seca, São João de Ver]

Professora

Mónica Almeida

Alunos

Afonso da Silva Almeida
 Emilia Tiutenko
 Erika Alexandra Pinto Teixeira
 Geovanna Almeida Barros
 Igor Silva Arruda
 Inês Almeida Melo
 Leo Barbosa Vilar
 Leonardo Oliveira Sá
 Leonor Francisca Mendes Cardoso
 Lourenço Rafael Sá Dias
 Maria Fernandes Coelho
 Martim Garcês da Silva
 Miguel Alexandre da Costa Santos
 Nuno Henrique da Rocha Costa
 Paulo Henrique dos Santos Souza Junior
 Santiago Almeida Costa
 Santiago Oliveira Silva
 Tomás Joaquim Vieira Moreira
 Valentina Rocha da Costa

[Alunos do 3.º ano da Escola Básica
Doutor Sérgio Ribeiro, Lourosa]

Professora

Laura Mendes

Alunos

Bernardo Gomes A. Guerreiro

Bianca Leite Costa

Clara Tavares Magalhães

Daisy Adriene Silva

Diego Rafael A. Silva

Emilly Fontoura Soares

Emma Fontes Oliveira

Gustavo António V. Mirancos

Leonor Grade Quinaz

Maria Clara N. Silva

Maria Rebelo G. Silva

Mathias Alejandro S. Santos

Matilde Alves Gomes

Ricardo Daniel P. Linares

Salvador Araújo Rodrigues

Serena Alves Ferreira

Sofia Sousa Dias

Valeria Valentina A. Batista

Vitória Silva Oliveira

[Alunos do 3.º ano da Escola Básica
de Aldeia Nova, Lourosa]

Professora

Sandra Salabert

Alunos

Anthony Roberto Morais

Belmiro Oliveira Silva

Carlota Araújo F. Silva

Diogo Mendes Rodrigues

Gabriel Lage Paiva

Íris Mendes Gomes

Joana Lucena M. Calçada

Kevin Teddy F. Dias

Léo Leal Machado

Lorenzo Moreira Ervedosa

Luana Oliveira Baptista

Lucas Fontes Santos

Matilde Belece P. Mota

Santiago Pinto N. Valente

Sofia Silva Oliveira

Valéria Maria V. A. Rompante

Maria Eduarda F. Souza

[Alunos do 3.º ano da Escola Básica
Casalmeão, Lourosa]

Professora

Angelina Regadas

Alunos

Benedita Rodrigues S. Gomes

Carolina Santos Sá

Catarina Martins Moreira

Dinis Sá Pereira

Eduarda Moreira Silva

Gabriel Alejandro N. Bayuelo

Gabriel Coelho Maia

Gustavo Fontes Sousa

Inês Francisca A. Pinto

Isa Silva Cardoso

Joana Filipa O. Bessa

João Carlos S. Moreira

Lara da Silva Soares

Leonardo Oliveira Santos

Leonor Sofia C. Bastos

Luana Isabel R. Oliveira

Lucas Alves Fontes

Lucas Sousa Valente

Mariana Isabel S. Tavares

Martim Amorim de Sá
 Martim Filipe S. Oliveira
 Raúl Sousa Petiz
 Tiago da Silva Costa
 Vicente Teixeira Galhardo

Gestão | Coordenação

Manuela Coelho
 Catarina Ferreira
 Maria João Oliveira
 Isabel Silva
 Gabriela Ferraz
 (Departamento de Desenvolvimento Social,
 Saúde e Habitação)

Design Gráfico

Rute Serra
 (DCRPI – Divisão de Comunicação, Relações
 Públicas e Internacionais da Câmara Municipal
 de Santa Maria da Feira)

Revisão de Texto

Mónica Magalhães
 (DCRPI – Divisão de Comunicação, Relações
 Públicas e Internacionais da Câmara Municipal
 de Santa Maria da Feira)

Fotografia

Sofia Lima

Edição

Município de Santa Maria da Feira

Operação Individual Local (OIL) 2940
 – Os Abraços que a Feira sabe dar

Plano de Ação das Comunidades
 Desfavorecidas

Plano de Recuperação e Resiliência (PRR)

Entidade Promotora

Município de Santa Maria da Feira

Entidades Parceiras

Junta de Freguesia de Mozelos

Agrupamento de Escolas António
 Alves Amorim

Outras Entidades

Fórum Social da Freguesia de Mozelos

Impressão e Acabamentos

Gráfica Monumento, Lda.

Tiragem

500 exemplares

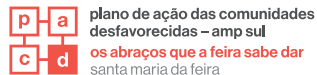
Depósito Legal

549624/25

Santa Maria da Feira

Junho 2025

© todos os direitos
 reservados 2025





**Tempo de
Envolvimento
e Ação
em Rede**
Santa Maria da Feira